

A anarquia como palavra

Diego Mellado

*Todos iguais, todos irmãos
Que nossa mãe comum guardamos todos
Nas prolíficas entranhas dos prístinos mares*
Manuel Gonzáles Prada

No começo dos tempos, o Cosmos estava infinitamente quente: pó, estrelas, tormentas de gravidade e explosões animavam o céu iluminado, ainda carente de escuridão. Durante esse primeiro período, as fusões nucleares cozinham novos elementos: as compactas partículas de hidrogênio e hélio deram vez a outras partículas mais complexas, como o ferro, o cálcio e o carbono. No entanto, pouco a pouco, aquele calor primordial foi se diluindo, detendo esse acelerado processo de expansão. A eclosão se deteve. A energia cósmica se distribuiu entre as luzes e a escuridão. Pese a isto, a expansão, mediante choques que deram corpo aos elementos, continuou empurrando a muralha do infinito, como se se tratasse do fruto daquela diminuta eclosão cósmica.

Em tal trama de expansão estamos nós, instalados em uma determinada posição em relação ao centro do Cosmos, ainda quente e demasiado violento para nossa vida, e aos confins do espaço, frios e escuros. Este nosso lugar é uma zona vital dentro do espaço sideral, onde é possível este estranho acontecimento que

constitui nossa existência.

Longe dos primeiros colapsos estelares, o céu nos faz incomensurável, sendo que antes foi menor que a ponta de um alfinete. O espaço, assim, se enche de formas que, de um modo ou outro, representam esse primeiro instante do qual tudo procede, como se fossem difusos reflexos de uma mesma luz. É esse traço que vai desde o microcosmos ao macrocosmos, onde a semente se assemelha a um universo em expansão, avançando desde o infinitamente diminuto até o infinitamente imenso de uma flor, que logo morre para alimentar a terra onde tudo volta a viver, num infinito processo de reprodução. Toda a história cósmica se encontra, talvez, na vida de uma planta. O Universo, carente de propósitos, lentamente morre. Sua energia alimentará, quem sabe, outros universos que estão por nascer.

Perdidos entre infinitos, nos encontramos longe da verdade, do conhecimento absoluto. Ali reside a ideia anarquista, grito que enuncia que nunca ninguém dirá a última palavra. Manuel González Prada, velho anarquista do Peru, canta em seu poema *Os Átomos*: «O pequeno, o invisível, tem a palavra do supremo enigma: talvez os átomos saibam o que os homens ignoram». O mesmo Mikhail Bakunin articulou suas ideias como um modo de construção do conheci-

mento e de situar-se em suas capacidades e limites. Em *Deus e o Estado*, ele explica segundo o movimento progressivo que parte no mundo inorgânico e avança até o mundo orgânico ou vegetal, logo animal e, posteriormente, humano: «da matéria química ou do ser químico à matéria viva ou ao ser vivo, e do ser vivo ao ser pensante». Caberia pensar que existem outros estágios além do humano, do ser pensante? Podemos imaginar até onde vai esse *movimento progressivo*, reconhecimento de que não somos o ponto mais avançado do Universo? Assim como não saberemos nunca a verdade do átomo, situada nesse pequeno infinito, também não conheceremos as verdades que conformam a esfera do imenso infinito que constitui o céu. Só sabemos que nos encontramos aqui e que nosso fundamento não está no céu, que não procedem nossas verdades de uma ideia divina e que a vida não emana de um deus criador. «O universo é eterno», escreve Bakunin, «e sendo eterno não foi criado nem nunca houve um deus criador». E Rafael Barret, observando o cometa Halley, concluiu: «Não: o céu não se ocupa da terra; somos nós que nos ocupamos do céu.»

Desde o inorgânico, a anarquia finca suas raízes na mãe comum que nos faz todos irmãos, na medida em que todas e todos estamos compostos



pela mesma matéria. Na trama do infinito, a anarquia é uma possibilidade, cujo fundamento é a harmonia. E a anarquia, precisamente, é uma ideia que nasce no sistema solar: Bakunin, segundo anota em suas *Considerações filosóficas*, supunha que o sistema solar estava em *harmonia* com o resto do Universo, já que «se essa *harmonia* não existisse, seria necessário estabelecê-la ou pereceria todo nosso sistema».

De tal forma, ante a deterioração social e os perigos que a humanidade corre de perecer, a anarquia coloca em questão a dominação e a servidão.

Autoridade e submissão refletem desordem: os elementos que conformam a comunidade estão separados (política e sociedade, especificamente), dissolvidos num caótico líquido de depressão, trabalho e apatia. O Estado, representante da divisão, vai além da instituição: ele supõe que toda relação social deve ser mediada pela autoridade. Isto, em outros termos, significa que o conceito de hierarquia e domínio se introduz em nossas vidas para sustentar sua reprodução em todos os âmbitos da vida, tanto privada como social. Não obstante, enquanto nos encontramos entre múltiplos infini-

tos, o estado de servidão não pode ser a única fórmula para uma sociedade como a nossa. «A terra é inesgotável», divagava Bakunin, «por restrito que seja, em relação ao universo, nosso globo é ainda um mundo infinito». A dominação e a servidão, nesse sentido, é uma das tantas formas que uma sociedade pode tomar – a sociedade, por ser anterior à humanidade, pode funcionar de infinitas formas: abelhas e formigas representam muito bem o que é uma sociedade em harmonia, através das suas arcaicas estruturas não perecem por si mesmas.

Esse *movimento progressivo* que se inicia no inorgânico não pode constituir um determinismo histórico: nem sequer as órbitas dos astros estão condenadas à mesma eclíptica; a cada instante estão mudando suas distâncias. Alguém poderia imaginar uma sociedade anarquista neste mesmo instante, ou projetar uma ideia dela daqui a 300 ou 500 anos. Inclusive, quem sabe, esteja ocorrendo em outros mundos, ou já tenha ocorrido mil vezes. Por isso as ideias anarquistas se sustentam na prática, pois sua possibilidade sempre é um ato pre-



sente. É, para dizer de outro modo, uma dinâmica: o *lógos* da anarquia é o movimento.

Isso explica a aproximação das ideias anarquistas com o desenvolvimento da linguagem: jornais, livros, cantos, cartazes, poesias, discursos, diálogos, fóruns, para nomear algumas dimensões da palavra, florescem em seu seio, e não deixam de fazê-lo. A palavra, esse infinito mundo que nasceu dos sons mais simples da fala, nos faz humanos e arma pontes que bem podem nos unir como nos separar. Isso, sem dúvida, constituiu uma das primeiras tarefas da propaganda anarquista, séculos atrás: reconhecer que o analfabetismo era a nó central da exploração e que a multiplicação de jornais e leituras comunitárias poderia combater as distâncias sociais. Nada, em todo caso, muito longe da nossa sociedade, cuja divisão não só se encontra no econômico, mas também no manejo de palavras que cada estamento utiliza cotidianamente.

No entanto, a própria palavra está sujeita aos *movimentos progressivos* que definem o Cosmos, imersa na trama do mutável. Até onde vai nossa

linguagem? Herbert Read pressagiava *o advento do homem eletrônico*, fruto do crescimento tecnológico sem restrições e exposto a um devir social que dia-a-dia cria instrumentos de autodestruição, que poderia esquecer-se de ler. Ainda assim, a palavra segue sendo o vínculo da revelação e da ação das coisas. Trabalha com a imaginação, que é outro universo infinito, inventando utopias e dando sentido a nossos passos. A cultura libertária, que existe e vive em nosso inesgotável planeta, enuncia a palavra anarquia em todos os aspectos da nossa vida: amor, política, amizade, economia, se projetam desde a possibilidade de uma vida livre e alegre, sem amos nem detentores do saber, sem, nem sequer, medir o tempo como o sugerem os calendários religiosos.

Mas nos fica uma pergunta: aquele grito que enunciou a palavra *anarquia* está ainda em seus primeiros anos de expansão e enriquecimento? Em que momento se encontra o som daquelas vozes às quais Élisée Reclus definiu como a *música das coisas*?

Diego Mellado é membro do *Grupo de Estudios José Domínguez Gómez Rojas* e da Editora *Eleuterio*, ambos de Santiago do Chile. Tradução para o português por Biblioteca Terra Livre. As ilustrações são de autoria de **Clifford Harper**.